

RESENHA

Desenvolvimento e mundialização – o Brasil e o pensamento de François Chesnais. José Eduardo Cassiolato, Marcelo Pessoa de Matos e Helena M. M. Lastres (orgs.)
Rio de Janeiro, Editora E-Papers, R\$ 35,00

Jorge Felix

Doutorando em Ciências Sociais, mestre em Economia Política (PUC-SP), integrante do grupo de pesquisa Políticas para o Desenvolvimento Humano do Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política (PUC-SP).
E-mail: jorgemarfelix@uol.com.br

Há 35 anos o economista francês François Chesnais iniciou uma profícua interação com as universidades brasileiras. Sua primeira viagem ao país foi em 1979, como um dos principais nomes da Divisão de Ciência, Tecnologia e Indústria da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ocorreu a convite do CNPq como parte de um programa fundado pela Unesco para oferecer conhecimento em ciência e tecnologia para instituições públicas. Três anos mais tarde, recebeu um novo convite, desta vez do professor José Eduardo Cassiolato, para participar de histórico seminário internacional, na Unicamp, organizado por Luciano Coutinho e Luiz Gonzaga Belluzzo, sobre inovação e desenvolvimento tecnológico no setor industrial. Chesnais proferiu a palestra “The Impacto of Biotechnology on Industrial Processes”. A partir daí, Chesnais estreitou os laços com a comunidade acadêmica brasileira e influenciou inicialmente o Instituto de Economia da Unicamp e logo depois o de outras universidades de linha heterodoxa, entre elas a PUC-SP e a UFRJ, na conceituação das transformações do capitalismo contemporâneo. Ao completar 80 anos de idade, o economista marxista é homenageado por seus orientados brasileiros com o livro “Desenvolvimento e mundialização – O Brasil e o pensamento de François Chesnais”, organizado por Cassiolato, Marcelo Pessoa Matos e Helena M. M. Lastres.

Em 11 capítulos, além do aspecto histórico e de um breve relato da biografia intelectual do homenageado, assinado por Catherine Sauviat (e muito apropriadamente publicado em inglês), o livro oferece ao pesquisador brasileiro – principalmente os iniciantes – aulas sobre a dinâmica do capitalismo financeiro nos séculos XX e XXI, sob o ponto de vista de um de seus mais dedicados, técnicos e perspicazes observadores, enriquecidas pelos comentários dos autores e, sobretudo,

por esses escreverem à luz dos fatos econômicos recentes, quais sejam a crise de 2007 e seus desdobramentos políticos, econômicos e sociais em todo o mundo. Os comentaristas mapeiam o pensamento de Chesnais desde suas primeiras citações ao papel que começavam a desempenhar as taxas de juros elevadas no capitalismo, em seus textos do início da década de 1990, até seu convencimento intelectual, depois de décadas de pesquisa, do protagonismo (ou centralidade) do capital portador de juros na economia financeirizada do século XXI.

O início da convivência intelectual de Chesnais com o Brasil é relatado por Luciano Coutinho em prefácio e em capítulo assinado com Mariano Francisco Laplane e Ana Lucia Gonçalves da Silva (todos da Unicamp). Neste relato, é lembrada a participação de Chesnais no seminário da Unicamp de 1982 e reconhecida sua contribuição para a economia industrial e da tecnológica no contexto da terceira revolução industrial sob o domínio da finança. Esse resgate é de grande importância porque, após a publicação de “A mundialização da finança” (editada no Brasil em 1996 pela Xamã), os estudos do pesquisador francês na área de Ciência e Tecnologia foram sombreados por sua obra mais famosa, esquecendo-se muitas vezes que sua interpretação da hipertrofia do capital financeiro é sustentada por fortes pilares de conhecimento do papel do avanço tecnológico no processo de produção industrial - resultado de várias viagens aos Estados Unidos.

No capítulo 2, Jair do Amaral Filho e Maria Cristina Pereira de Melo (ambos da Universidade Federal do Ceará) reescrevem artigo de 1996, quando conviviam com o homenageado na Université Paris XIII, para onde Chesnais imigrou depois de sua saída compulsória da OCDE, determinada por motivos políticos. Os dois autores, ao revisitarem as “ideias chesnaisianas” a respeito da globalização, novidade de então, sublinham a resistência de suas ideias e concepções ao século XXI. Marcos Costa Lima (UFPE) expõe, no capítulo 3, aspectos da economia política de Chesnais e sua ressonância em trabalhos de economistas que, como faz sempre questão de lembrar o homenageado, “defenderam por muito tempo as políticas liberais”, como Joseph Stiglitz. Flávio Bezerra de Farias (UFMA), no capítulo seguinte, amplia a abordagem política revelando a visão de Chesnais sobre o impacto da financeirização no poder e na restrição da autonomia dos Estados Nacionais.

No capítulo 4, o leitor tem um passo a passo detalhado, do ponto de vista bibliográfico e teórico, da evolução do pensamento do homenageado. O texto se faz enriquecedor pela preocupação dos autores, Rosa Maria Marques (PUC-SP) e Paulo Nakatani (UFES), de montar um paralelo ou um mosaico das concepções de Chesnais com a teoria da finança de Karl Marx (a partir do Capítulo IV do Livro I de

O Capital). O encaixe das peças mostra a consistência teórica do autor e o muito que refletiu, em vários momentos de sua pesquisa, sobre a durabilidade do regime de acumulação, que se iniciou nos anos 1970 com o desmonte do sistema de Bretton Woods, sustentado sob a hegemonia da finança em detrimento da esfera da produção de mercadorias e serviços, embora tenha detectado o amálgama dessas instâncias. Fica claro como Chesnais alertou para a proximidade da saturação daquele regime em curso, isto é, para a chamada crise subprime.

Os autores se preocupam nessa montagem em destacar o quanto são resultados de longo percurso científico as afirmações de Chesnais a respeito de vivermos um capitalismo que resulta em baixos investimento e crescimento somados a desemprego alto, especulação bursátil e lucro elevado, efeitos provocados pelas punções exacerbadas que o “capital portador de juros” promove, insistentemente, por sua natureza, na economia real. Mas também engrandecem o capítulo ao citar as crenças de outros pesquisadores em categorias ainda sem respaldo na análise de Chesnais, como os “lucros fictícios”, ou suas próprias hipóteses para a mobilidade dos fatores de produção (os autores apostam mais na intenção de redução de custos do que ganhos de produtividade, como entende Chesnais, embora o segundo não deixe, tecnicamente, de resultar no primeiro).

O debate sob esses pontos de vista é indispensável para o entendimento dos principais focos do pensamento de Chesnais, tais como, o conceito de mundialização (em vez de globalização), a dicotomia e inter-relação de capital-função e capital-propriedade e as consequências sociais da era capitalista que coloca os trabalhadores em concorrência inédita no plano mundial. Essa discussão é ampliada teoricamente no Capítulo 6, por Maurício de Souza Sabadini (Unicamp) e Márcio Lupatini (UFES), e no Capítulo 7, por José Eduardo Cassiolato, Graziela Zucoloto e João Marcos Hausmann Tavares (UFRJ), desta vez, com destaque para o papel das empresas transnacionais (ETNs), alvo primordial da conceituação chesnaisiana.

O impacto na economia brasileira da instalação desse novo regime de acumulação sob domínio da finança é analisado no Capítulo 8 por Arlindo Villaschi Filho e Ednilson Silva Felipe (UFES). Os autores esmiúçam a transnacionalização da produção brasileira e a participação do país nas cadeias globais de valor, sem desprezarem o peso dos Investimentos Estrangeiros Diretos, parte inseparável da lógica da finança desde o século XX. A repercussão da mundialização do capital na área ambiental, tema de relevância na obra de Chesnais, é o assunto do Capítulo 9, de Clarisse Chiappini Cstilhaos (FEE/RS). No texto final, César de Queiroz Benjamin, faz uma abordagem teórica marxista que faz jus ao militante Chesnais.

Jorge Felix

A leitura de todos os textos, guardadas suas distintas formas e estilos desiguais, permite uma sólida compreensão das pesquisas e interpretações do homenageado e, em particular, fornece aos interessados na compreensão da atual crise elementos teóricos e dados estatísticos e históricos imprescindíveis. Embora Marques e Nakatani sejam os únicos a dedicar uma seção exclusiva à interpretação da crise por Chesnais, em todos os textos há elementos que ajudam a desvendar os caminhos percorridos até a sua conclusão, qual seja, a de que vivemos um processo iniciado em 2007 (e não na década de 1970, como alguns economistas heterodoxos entendem), deflagrado na esfera financeira, mas que foi transferido para o setor real em forma de uma crise de superprodução, análoga a de 1929 – e, portanto, de longa duração.